REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 722

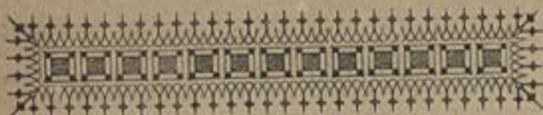
20 DE JANEIRO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

SCENAS DO MINHO — *Desenho do sr. M. de Macedo*

CHRONICA OCCIDENTAL

Uma brisa muito fria, as manhãs escuras, o Tejo escondendo em farrapos de algodão sujo os montes da Outra Banda, deram n'estes ultimos dias a Lisboa uma apparencia de cidade do norte. Houve regas de mais no jardim á beira-mar plantado. As ruas estão enlameadas pelos nevoeiros densos e entre as nuvens o sol, muito piegas, tem ares adamados de lua.

O primeiro penacho de papel recortado já cahiu lá dos altos d'um terceiro andar sobre um chapéo alto animoso ou descuidado. Aquelle primeiro rufo quasi imperceptivel é o signal da batalha. Parece quasi uma caricia ao principio; o dono do chapéo olha para cima, sorridente, e a criança logo se esconde cheia de medo, nervosa, mostrando os dentinhos n'um sorriso alegre.

Pois não ha de tardar que a fera mostre os dentes terriveis e aguçados. Do penacho vae-se á cocotte, da cocotte ao tremoço, do tremoço á pedra, e da pedra á façada.

Não seria a primeira.

Já, uma ou outra vez, no principio da noite, um ou outro rancho de mascaras apparece, com as botas cambadas pisando a lama das ruas, arrastando por ella a fimbria pouco immaculada das saias. Um chéché passa berrando, um garoto com pó de tijolo na cara vai tocando castanholas.

Chama-se a isto alegria.

Dentro da sala uma banda toca polcas. Com um ar triste e somnolento de quem cumpre uma dura obrigação, um maestro marca o compasso com a batuta. Meia duzia de pares giram desairosamente. Uns homens passeiam á procura d'algum caso de sensação. Inutilmente. E uns porteiros com collares de lata abrem a bocca resignadamente com o ar de quem diz: Quando é que isto acabará?

Annunciam jornaes que a sociedade d'este anno nos bailes de mascaras é muito superior á do anno passado. D'onde se conclue que os que em 1898 não foram a essas diversões, escaparam de boa. O que seria!

Pela meia noite e meia hora as mascaras começam a recolher. Nova procissão de fraldas de camisa ostenta-se pelos passeios abaixo.

E por isso um guarda nocturno, meio somnambulo, fez andar leguas á policia, em busca d'uma menina, que afinal... estava debaixo do sophá.

Muitos bailes e recepções de que, ha muito, se falava, realisaram-se já. Outros se annunciam. É tempo agora de festas. Os clubs enfeitam as salas. As portas dos palacios vêem-se grandes filas de carruagens.

Foi esplendido o baile que, em suas formosas salas do palacio da Avenida, offereceu ás pessoas das suas relações o sr. Polycarpo Anjos.

Lisboa está em toda a sua animação. A' noite festas e theatros, de dia grande concorrencia pelas ruas principaes, no Campo Grande, onde centenas de bicicletas fazem suas evoluções, na Tapada de Ajuda, onde se reunem os amadores de lawn-tennis.

E são esses, sem duvida, dos pontos mais bellos da capital, e por isso bem escolhidos.

O Campo Grande, devido ao disvelo de seu administrador, está formosissimo. A Tapada da Ajuda é, pela sua posição sobre o Tejo, maravilha da natureza.

Duas grandes reuniões na Sociedade de Geographia: distribuição de premios pela exposição de alfaias agricolas na Tapada de Ajuda, a que assistiram suas majestades, e homenagem ao grande lyrico, João de Deus.

O theatro de S. Carlos, porque o sr. Pacini quiz desmentir agoirentos, tem contado enchentes successivas e visto a bilheteira assaltada nas recitas extraordinarias.

Deve-o a uma companhia excellente e á excellente escolha do repertorio.

Os compositores modernos, concedendo aos librettos maior attenção, conseguiram dar á musica uma paixão, que raras vezes tinha d'antes e que só os genios conseguiram imprimir-lhe. Hoje Gœthe, Prévost, Henri Murger, collaboram com os grandes musicos e os bellos sentimentos, que os poetas definiram e nossa educação nos deixa comprehender, acharam finalmente quem os soubesse interpretar n'uma arte superior.

E d'ahi, da acção ideada e desenvolvida por um grande artista, provem essa intensidade de sentimento, que muito mais se revela no *Werther*, na *Manon* ou na *Bohemia* do que n'essas mil operas de ha trinta annos, feitas, com raras excepções, sobre libretos infantis, quando não idiotas.

Os theatros todos teem sido frequentados. É prova a concorrencia de carruagens que, perto da meia noite, desembocam de todas aquellas travessas, que veem dar ao Chiado nas proximidades do Loreto. S. Carlos, D. Amelia, o Gymnasio, a Trindade despejam para ali a multidão. Os homens de casaca, golas dos paletots para cima, as senhoras com suas mantilhas brancas, correm por entre as carruagens, cujas luzes das lanternas se cruzam no trote largo.

D'ahi a pouco, os americanos, e os elevadores estão apinhados de gente.

Faz frio, tremem os queixos. Das senhoras embuçadas, com as mantilhas cahidas sobre a testa, apenas se lhes vê a pontinha do nariz e os olhos ainda brilhantes do enthusiasmo com que applaudiram.

E' um quarto d'hora de bulicio. Os travões desandaram, uma chicotada fez trotar as mulas. O elevador partiu com grande tranquinada.

Mais um d'estes se inaugurou agora, o que vai do Largo de S. Domingos até S. Sebastião da Pedreira.

Para commemorar esse acontecimento foi no largo da egreja distribuido a duzentos pobres um bodo pelas sr.as D. Maria do Patrocinio de Barros Lima de Almeida, D. Maria Thereza de Mendonça, D. Maria Thereza de Albuquerque e D. Thereza Vianna de Lemos, coadjuvadas por differentes cavalheiros.

O serviço do elevador, devido á pouca pratica dos empregados, não poude correr regularmente. Pouco a pouco tudo entrará nos eixos, de vagar se vae ao longe, e S. Sebastião da Pedreira não é tão perto.

Mais um que ao fechar dos theatros se ha de encher completamente, esse então que tão perto fica d'aquelle monstro do Colyseu, do theatro de D. Maria e do theatro da Rua dos Condes, para onde Schwalback já tem prompta a nova revista do anno, successora esperançosa das *Formigas e Formigueiros*.

Uma excellente interprete, das melhores que havemos conhecido no genero, tem agora Eduardo Schwalback.

Lopiccolo, que no Brazil representou pela primeira vez em portuguez deixando de si fama nos melhores theatros do Rio de Janeigo, estreiou-se esta epoca na Rua dos Condes, conseguindo em pouco tempo e apenas n'uma só peça, trazer áquelle theatro grande concorrencia de espectadores, que todas as noites a applaudem em todos os pequeninos papeis das *Formigas* e sobretudo nas cançonetas francezas que ella canta com graça inimitavel.

Penha Coutinho e Salvador Marques tambem preparam uma revista que brevemente será representada no Colyseo da Rua Nova da Palma.

A grande enchente, a mais famosa d'este inverno, foi até agora a do Colyseo das Portas de Santo Antão na festa em beneficio do Instituto D. Affonso. O vasto circo estava completamente cheio, produzindo bello effeito a enorme banda de trezentos musicos.

Um apertão medonho! Metade de Lisboa anda sempre atraz da outra metade, sem o calembourg sediço, e até com elle se quizerem, porque tambem é verdade.

Quantas mil pessoas cabem n'aquella sala gigante, todas lá estavam e ainda outras tantas. O espectaculo acabou perto das duas da madrugada.

É raro em Lisboa um enthusiasmo assim. Entretanto parece que brevemente veremos renovado o delirio que a Duse o anno passado produziu. Annuncia-se para breve a vinda de Maria Guerrero, a famosa actriz hespanhola, que ainda ha pouco tamanha impressão com seu repertorio classico produziu em Paris e nos theatros de Italia.

Por todos os criticos francezes e italianos Maria Guerrero foi considerada um talento artistico rarissimo, classificado como deslumbrador.

Bella, da formosura typica das hespanholas, elegante, esbelta, flexivel, a grande artista possue dotes d'alma, que a tornam rival d'essas estrellas de primeira grandeza, que se chamam Eleonora Duse e Sarah Bernhardt.

Mas podemos com paciencia esperar que os estrangeiros nos venham provar a justiça com que foram applaudidos, porque, se sahirmos de Portugal, temos com que distrahir anciedades.

O theatro de D. Maria deu-nos, ha pouco, um primoroso original de dois escriptores conhecidos, que com elle fizeram sua estreia em theatro, *A Noite de Natal* de Julio Brandão e de Raul Brandão.

Caminho honrado seguiram os auctores, e, não revelassem elles talento, bastar-lhes-hia tanta honestidade para terem direito ao nosso fervoroso applauso. Mas todo aquelle drama feito de purissimas linhas de artistica simplicidade é esmaltado de scenas encantadoras, sobretudo aquellas em que o drama que vai nas almas se revela nitido na acção, sem palavras a mais, sem factos que magoem. O primeiro acto quasi todo é n'este genero uma obra prima.

O desempenho é excellente. Todos trabalharam com vontade e bem andaram, porque o drama é d'aquelles que não admittem uma hesitação, uma só nota desafinada. A harmonia tem de ser completa e a apparente facilidade do trabalho de todos é a maior difficuldade a vencer. Todos sustentaram seus creditos; um houve que os augmentou, foi Ferreira da Silva. N'um actor feito, um passo é sempre dos que não se medem pelos outros.

A abrir o espectaculo foi uma pequenina peça n'um acto de Luiz da Matta, *A volta do João*. Meia duzia de versos interessantes, que provam no auctor facilidade de metrificação e delicadeza. Uma boa estreia sem duvida.

O anno vai fecundo em originaes. Deus o mantenha. Amen.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

SCENAS DO MINHO

A provincia do Minho é tão pittoresca quanto são os seus costumes. Se por um lado a paisagem nos delicia os olhos, como a de um jardim em plena florescencia, os costumes que ali se observam são tão pittorescos como a paisagem na variedade das formas e do colorido, acrescendo ainda a vivacidade dos habitantes que dão vida e movimento ás cidades e ás aldeias.

Um dos caracteristicos da vida do norte de Portugal é as mulheres empregarem-se nos trabalhos dos campos e em outros misteres, que em geral, no sul, são reservados para o sexo forte.

Assim ellas cavam e lavram a terra, que os maridos, os paes ou os filhos deixaram para emigrarem para o Brazil, e esta corrente de emigração, que infelizmente não cessa apesar de todas as desillusões, é que faz com que no norte de Portugal escasseiem os braços mascolinos e válidos, para só se verem, por assim dizer, mulheres, velhos e creanças.

As filhas da provincia do Minho e do Douro, veem-se, por isso obrigadas a desenvolver uma actividade pouco em harmonia com o seu sexo e deitam-se a todo trabalho por mais costoso e improprio que seja para as suas forças.

Isto tornou-se tão natural n'aquellas provincias, que os homens, mesmo validos declinam nas mulheres muitos dos trabalhos que lhe são proprios.

Como se vê em a nossa gravura, feita sobre um desenho do sr. Manuel de Macedo e que representa uma scena do Minho bem colhida do natural, como quem conhece perfeitamente aquelles costumes.

No caminho vem o carro puchado por uma junta de bois pequeninos mas bem armados, raça especial que ali se encontra. A canga alta e recortada em desenhos caprichosos é outro caracteristico da provincia.

É a mulher e não o homem, como seria proprio, que segura o aguilhão e a sóga, guiando os bois, em quanto o homem, em cima do carro, os vae espicaçando para elles andarem.

Observa-se bem o esforço da mulher que vae calcando o caminho e como que ajudando os bois a conduzir o carro, o que contrasta com o homem, que vae no carro e que d'ali apenas secunda os esforços da sua companheira, mas sem se encommodar muito.

CASTELLO DE ALMOUROL

A paginas 46 do 21.º volume do Occidente encontra-se uma *silluette* do Castello de Almourol, illustrando o artigo *Uma visita a Castello de Vide*, publicado no dito volume. N'esse artigo se con-

ta das lendas d'este castello, ora romanticas ora tragicas, de épocas remotas

Hoje apresentando uma gravura mais desenvolvida do castello e da paisagem que lhe faz moldura, copia de uma magnifica photographia do fallecido amador sr. Carlos Relvas, diremos alguma coisa da sua historia e fundação que remonta aos tempos dos luzitanos.

Pelo que diz a historia foi D. Gualdim Paes, mestre dos Templarios, que fundou este castello, mas sobre as ruinas de outro que ali existia, talvez construcção romana ou dos lusitanos, a que já estariam ligadas as historias fabulosas que d'elle se contam.

O logar não podia ser mais azado a aventuras, nem mais poetico.

Tejo acima e proximo a Tancos, n'um ilheu de rochedos eleva-se como de entre as aguas do rio, o vetusto castello de Almourol que parece derivar o nome do gigante Almourol, heroe de uma das lendas que se conta d'este castello. O ilheu sobre que assenta a construcção, tem a forma elyptica, medindo uns 130 metros no eixo maior e uns 70 metros no eixo menor.

Ha uns cincoenta annos o castello apresentava ainda, na cerca exterior das muralhas quatro torres circulares, despostas a eguaes distancias, como baloartes, e entre a segunda e a terceira torre a porta do castello gothica e sobre esta uma inscripção em que se póde lêr que foi Gualdim Paes quem reedificou o castello no anno de 1160.

No meio do castello ergue-se a torre de menagem e na parte da muralha do lado sul encontram-se restos de uma casa derruida.

Para leste a cerca exterior apresenta restos de mais cinco torres, o que prefaz o numero de nove para defeza do recinto externo. Do lado do norte ha vestigios de um caminho regular para o castello, e transposto, com difficuldade aquelle, encontra-se o visitante n'um pateo interior, onde está a porta que devia communicar com os aposentos, tudo cahido em ruina, mas devisando-se ainda restos de abobadas, portas e janellas decoradas de laçarias e festões. É tudo o que resta do velho castello, que pela sua proximidade de Tancos, parece vae ser agora aproveitado para os exercicios ou manobras militares do Campo de Manobras.

SULTANA OU FAVORITA

Para uma dama turca a maior honra a que póde aspirar é a de ser Sultana ou mulher escolhida do Sultão, o que lhe dá tambem o invejavel titulo de Favorita.

Para alcançar aquella hónra não lhe basta o ser filha de algum alto personagem da côrte, mas ser formosa, por que só assim poderá merecer as boas graças do Sultão.

A mais bella será a favorita, pelo que outras ficarão no segundo plano, ou como favoritas reformadas.

Se ainda dissermos que no Harem do sultão não ha mulheres feias, porque as proprias odaliscas ou escravas são tambem formosas, imagine-se que delicioso viver é o do sultão no meio de tantas mulheres bonitas.

Mas tudo tem as suas compensações.

O sultão não precisa conquistar tantas beldades, porque todas se lhe entregam submissas, o que seguramente o faz desconhecer o que ha de mais bello para possuir uma mulher.

O BOSPHORO

São conhecidos dois estreitos mais notaveis com este nome, que quer dizer passagem que um boi póde fazer a nado, segundo a palavra grega *bous* boi e *porós* passagem.

O primeiro dos estreitos assim denominado é o de *Thracia* que separa a Europa da Asia e une a Propontida ou mar de Marmara com o Ponto Euximo ou mar Negro.

O segundo estreito é o *Cimmerio* denominado actualmente estreito de Caffa, situado ao oriente da Criméa e que une o Ponto Euximo com a lagôa Meotide.

A nossa gravura representa este ultimo estreito, o mais largo dos dois Bosphoros de que tratamos n'esta noticia.

EM TERMOS DE PARTIR

A Antonio de Campos Junior

(Continuado do n. 721)

O dia 12 de novembro de 1871 parecia um dia de juizo en Setubal, sobretudo nas proximidades do quartel do Caes.

Desde pela manhã muito cêdo que, por entre as carroças carregadas de fardos, pilhas de saccas multicolores da soldadesca, se agglomerava uma grande multidão, afflicta, anciosa por poder estreitar em demorado abraço, o filho, o marido, o irmão, o amante ou o amigo, que se iam por esses mares fóra, em busca de trabalhos, a contrahir doenças; quem sabe se encontrar a morte?

Ha muito, seculos, que passára de moda vêr partir para essa seductora India de nossos maiores a flôr fina dos rapazes, que iam cheios de enthusiasmo e ardor. Por áquella épocha quasi que exclussivamente só os degradados, pouquissimos ethusiastas, alguns sargentos em demanda dos despachos, ou ainda, arruinados officiaes e funccionarios, se faziam de véla para os nossos promettedores e desprezados dominios coloniaes. Nominalmente o paiz nadava om oiro, os braços tinham enorme procura; ninguem via o reverso da medalha, porque a locomotiva aturdia com os seus silvos os campos, a cubiça extrangeira pelas colonias estava solapada e as mizerias d'além-mar se escondiam nos archivos das secretarias d'Estado, com a mesma arte com que dos cofres publicos sahiam os dinheiros para a montagem da negregada machina eleitoral.

As liberdades particulares, degeneradas em licença, excediam até talvez as raias do equitativo, em compensação, porém, á sombra d'uma pretensa tolerancia sem limites, açambarcavam os grupos militantes as liberdades politicas, tornavam o povo indifferente, desinteressavam-no das coisas publicas. Tudo parecia conspirar para afervorar o culto do *Deus dará!*

N'um momento historico com todos estes caracteristicos de egoismo individual, o que admira que as mães, as irmãs, as esposas e as amantes; maldissessem as suas sortes, ao vêrem partir inesperadamente para tão remótas paragens os filhos, os irmãos, os seus homens? As regiões para onde iam os entes queridos, que lhes arrebatavam, só as podiam ellas considerar proprias a receber a escoria social: assassinos e ladrões, os degradados.

Pobres mulheres, desoladas mães, afflictas esposas, desamparadas amantes!

Ellas lá estavam todas, dizendo mal á sua vida, debulhadas em lagrimas, praguejando e ensinando aos filhos, aos irmãos, ás creanças, enfim, a ter maior odio ao tributo de sangue, do qual, de facto, estavam isentos os parentes e adherentes dos poderosos das suas terras! Havia tal que empenhára os fatos para, de apartados pontos do paiz, correr a abraçar o ente querido, que a sua bronca imaginação não acceitava pudesse tornar a vêr!!

Topava-se a cada passo com scenas commoventes, dilacerantes, por vezes, comicas á força de intensas, repetidas e cortadas da lufa-lufa dos carregamentos, do vae-vem d'officiaes e sargentos em serviço.

Tocou, porém a deitar correias, tudo entrou na forma, não faltou ninguem na fileira! Eloquente prova esta da excellente indole do nosso soldado, testemunho irrecusavel de quanto poderia ser disciplinado o nosso povo, se as confrarias da intriga, da veniaga e da corrupção lhe não turvassem o espirito, se alguem, ou alguma collectividade, lhe alentasse os brios patrioticos innatos, em vez de, aleivosa e criminosamente, deturparmos todos o systema que nos rége, ao sabor das conveniencias, de estultas ambições!!

O batalhão seguiu no caminho de ferro até ao Barreiro, alli embarcou no vapor *D. Carlos*, que o transportou para bordo do *Neera*. Officiaes, officiaes inferiores e soldados, compenetrados todos dos dictames do dever, mantinham a linha requerida, alentando os brios da nossa raça e escutando altivos a voz do dever, embora no intimo fôssem, mais ou menos, sensiveis ao pasmo da turba, que os via passar impávidos caminho d'um sacrificio, que boçalmente exaggerava, á falta de habito, ou ás lagrimas dos seus parentes, estarrecidos a um tempo pelo inesperado da provação e o amollecimento dos costumes.

Em Setubal, na estação do caminho de ferro, como depois no Barreiro, repetiram-se episodios sentimentaes, deram-se scenas afflictivas, houve despedidas de cortar o coração; todavia nos da tropa nem um desfallecimento, nem uma hesitação sequer, na senda que a digna comprehensão das circumstancias traçava nitida, que o pundenor militar impunha. N'um ou n'outro peito, haveria gemidos abafados, aos olhos de bastantes assomariam amargas lagrimas, mas a corporação, no todo, dominava o particularismo; a banda tocava o hymno nacional e a bandeira erguia-se altiva, tanto bastava para que, galuchos e officiaes encanecidos, sentissem evocar em peitos portuguezes a galhardia de épochas passadas e gloriosas. Uns faziam-no conscientemente, outros eram levados pela magia do appello ao amor patrio latente.

Fernando trabalhou muito n'esse dia, mas, apezar d'activo e solicito no desempenho das suas obrigações, não podia furtar-se ao amargor de intimo pezar, funda tristeza. Servia-lhe de lenitivo animar um e outro dos seus subordinados, fazer-lhes as possiveis concessões para que lhes fôsse dado, ao menos, dar largas á dôr em braços amigos. Ser affectuoso e terno para com os que nos amam não exclue inteireza de caracter, coragem nos lances apertados, antes, para assim dizer, tem effeitos de flexivel móla; dá expansão ás fibras da alma, quer haja de concentrar-se em amplexos effusivos, quer tenha de distender-se em arrancos de energia e valor.

Atraz do môço official via-se quasi sempre Antonio que, qual cão fiel, pretendia acompanhal-o de perto, farejar-lhe as maguas, para as acariciar na bôa alma rude que Deus lhe déra.

— Quer não! — dizia de si para si o dedicado impedido — um *home* ao pé de outro *home* sempre são dois *homes de corage*; envergonha-se uma pessôa um do *oitro*, *pranta-se* mais *opinioso*.

A bordo do *Neera* estava já o elemento official e El-Rei, que fôra despedir-se do irmão e dar solemnidade ao acto com a sua presença, exaltou o patriotismo dos soldados que partiam n'um breve discurso e a todos augurou feliz viagem e melhor sorte. Ás 3 horas e meia da tarde largava o navio, levando a seu bordo o Senhor Infante D. Augusto, general Macedo e Couto, trezentas e noventa praças e quarenta officiaes de caçadores n.º 1.

A Rainha e os Principes acompanharam, bordejando no Tejo, os expedicionarios até á torre de Belem, onde El-Rei desembarcou do transporte.

Pelas duas margens do rio havia grande affluencia de povo, não menor agglomeração se dava nos pontos altos da cidade, mas toda esta turba concorria aqui e acolá por méra curiosidade, afim de gosar d'um espectaculo novo; não havia da parte d'aquella gente toda nem o enthusiasmo, nem o ardor patriotico, nem o interesse com que teem sido acclamados os soldados que partem nas ultimas expedições. É que o ultramar, por então, era tido pelo vulgo apenas como uma pesada herança, que só servia pára nos absorver parte dos convencioaaes rendimentos e algumas vidas; hoje todos vêmos nas possessões o nosso futuro, a esperança promettedora de podermos vir ainda a levantar cabeça. N'aquella épocha os dominios d'além-mar eram considerados como duro encargo de legado fidalgo, cujos direitos ninguem suspeitava nos fôssem jámais contestados; presentemente a vara do condão da fada da abundancia sumiu-se e appareceram a descoberto os postiços da nossa prosperidade europêa e os desfalques coloniaes vieram acompanhados de brutaes e aviltantes vexames por parte da cupidez extrangeira. Attravessâmos, é verdade, um momento critico da nossa historia, porém, queremos affagar a grata esperança de que, assim como o aferro aos nossos direitos ás possessões renasce agora vivido e contumaz, tambem da apathia, em que jazeram a alma e forças vivas da nação, hão-de reviver antigos brios, poderosos estimulos de salvamento.

. . . .

Fernando, ao entrar a bordo, encontrou lá Balthazar. Abraçaram-se effusivamente, todavia trocaram poucas palavras; o mancebo tinha medo de trahir a sua commoção, exacerbada pela presença do pae de Henriqueta; o velhote, tão amoravel como despido de artificios, vira fugir-lhe a jovialidade com a approximação d'uma despedida cortada d'incertezas sobre o futuro do amigo inexperiente que se ausentava. O apertado do tempo e as exigencias officiaes da ultima hora vieram em auxilio do constrangimento d'ambos.

. . . .

Ao fazer-se o navio ao largo, muitos officiaes, e Fernando era um d'esses, alheiados de tudo o mais e com os cotovellos ficados nas amuradas, tinham os olhos pregados na terra da patria, essa massa informe e cada vez mais distante que, por isso mesmo que lhes fugia á vista, mais e mais se lhes gravava na mente com espantosa minucia de

pequenos nadas, já a avultarem muito, como que observados pelas lentes d'uma saudade, que medrava de momento para momento.

Só quem já se alongou por esses mares em fóra, deixando por cá fundas raizes, póde fazer idéa de como ó sentimento do patriotismo cresce com o affastamento e qual a fascinação que exercem sobre nós os affictivos laços que as grandes alavancas do espaço percorrido, da ausencia prolongada e do apartamento, tornam potentissimas.

(Fragmento d'um romance inedito.)

Bento da França.

A EDUCAÇÃO NA EDADE MEDIA

(Concluido do n.º 721)

Os que ficavam feridos ou contúsos, já em combate, já durante os exercicios, se o caso não era de gravidade maxima, e que em absoluto os impossibilitasse, depois de breve, e por vezes, assaz brutal curativo eram obrigados a tomar outra vez parte activa nos mesmos a fim de se tornarem aguerridos e familiarisarem-se com a dôr physica. Habituavam-se tambem a supportar o rigor extremo das estações, permaneciam horas e horas expostos aos raios do sol ardente, mettidos dentro das pesadas armaduras; e assim se explicam essas façanhas e actos de honra e abnegação, que topamos a cada pagina nos chronistas das nossas campanhas no norte da Africa e na India, e que hoje nos parecem tão extraordinarios. Semelhante educação produzia homens, e comtudo, a apparencia physica d'esses homens, a sua estatura, ao contrario do que tão vulgarmente se acredita, não se avantajava á nossa, e o testemunho fidedigno dos quadros e da esculptura da época, das illuminuras, dos manuscriptos, e documento ainda mais positivo, as dimensões das couraças, das cótas, das grévas e caneleiras do

CASTELLO DE ALMOUROL

(Copia de uma photographia do sr. Carlos Relvas)

arnez de guerra e de torneio, nos vem provar de modo irrecusavel que as dimensões do corpo humano são hoje em dia muito mais alentadas.

Eram tambem submettidos a privações de toda a especie, e se as não levavam tão longe como o celebre dr. Tanner, de faminta memoria, jejuavam dois e tres dias, afim de se habituarem a supportar a fome e a sede, durante as marchas, n'essas épocas ainda tão escassas de recursos; e sobre tudo, durante os assédios dos castellos e praças de guerra.

Sem embargo de tão rude e pesado tirocinio, não cuide o leitor que andava descurado o lado

te, afim de commentar praticamente o grito, eram muitas vezes os mesmos que, quasi sem transicção ou descanso e dispensando xarópes, Revalenta Arábica ou fricções tónicas de qualquer espécie, entoavam sentidas endeixas e dedilhavam as cordas do alaude da cithara ou da vióla.

Dada como prompta a educação do escudeiro, e cumpridos por parte d'este cabalmente os respectivos devêres, não podia ser indigitado como candidato ao grau de cavaleiro, sem ter primeiro realisado a sua viagem de instrucção. Ia correr mundo, durante quatro ou cinco annos, para ficar conhecendo as diversas terras, as gentes e

tar da arêna a luva de desafio e adquirir fama, medindo-se com famigerados cavaleiros, outros cavaleiros, de todos os pontos do mundo civilisado! Os escudeiros podiam tambem tomar parte activa n'estes certames, unicamente, porém, com os de sua gerarchia, e mais de um, pelas proezas que praticou, logrou ser armado cavaleiro, na propria arêna da justa, e tomar parte n'ella, ao depois, investido na respectiva dignidade.

Attingidos os 25 annos de edade, e cumpridas pontualmente as provas todas, incluida entre estas a viagem de instrucção, estava o escudeiro finalmente habilitado a haver a recompensa de

SULTANA OU FAVORITA

amêno e mais pulido da educação: os pagens e escudeiros exercitavam-se na dança, que n'essas éras cultivavam a valer; a choréographia da Edade-média, comquanto seja para nós relativamente obscura, por certo não deixaria de ser assaz complicada, e os bailes figurados que animavam os saráus dos castellos, deviam, pelo seu caracter pictoresco, parecer-se muito mais com os grandes bailados theatraes, do que com as dansas tão semsaboricas, uniformes e convencionaes dos nossos modernos salões.

A musica, cantada e tangida, aschácaras, as lôas, os vilancicos, os improvisos poéticos andavam de mãos dadas e constituiam em qualquer cavalleiro prenda assaz apreciada; a voz de trovão que soltava o grito de guerra, a garganta rouca de bradar: «Santhiago e dar nos moiros;» o braço derreado de brandir a lança e o montan-

seus variados costumes; afim de formar o espirito e o caracter e aprender á propria custa a experiencia da vida; alvitre tanto mais sensato, quanto eram ainda ráros n'aquella época os livros, e cada qual apenas podia instruir-se vendo as coisas com os proprios olhos, e no tracto com os póvos dos diversos paizes. Este elemento complementar da educação era n'esses tempos já considerado de tal importancia, que as corporações de artes e officios impunham aos mesteiraes que pretendiam ao grau de mestres longas e demoradas viajens de instrucção.

Os escudeiros, quando já completamente habilitados a receber o grau de cavaleiro, viajavam tambem muitas vezes com o fim unico de assistir e tomar parte em liças e torneios, celebrados na côrte de principes ou de altas personagens, e aos quaes concorriam, afim de levan-

tamanho sacrificio de tempo e de trabalho, eralhe licito ser admittido, conforme a expressão usada n'aquella época, *ao templo da Honra*. A investidura de um cavaleiro; quando não tinha lugar no campo dè batalha, como tanta vez succedia, éra celebrada com grandes festas e regosijos.

Qualquer cavaleiro podia conferir ao escudeiro o respectivo grau, este ultimo, comtudo, preferia receber tão cubiçada distincção das mãos de algum cavaleiro de fama. O neophyto jejuava, *velava as armas,* isto é, passava a noite na egreja, em oração, armado com todas as peças do arnez, no dia seguinte, assistia á missa e o sacerdote benzia-lhe a espada, que o neophyto, na sua nova qualidade de cavaleiro, tinha de cingir em vez da que usara emquanto escudeiro; o padrinho, a quem competia conferir-lhe o respectivo grau,

batia-lhe tres vezes no hombro com a lamina da propria espada, proferindo certas e determinadas palavras, que constituiam formula consagrada e mediante as quaes exhortava o neophyto a cumprir a missão de cavaleiro, sem jámais faltar aos seus deveres, a risco da propria vida, e finalmente, estreitava-o nos braços. As damas da mais alta gerarchia, entre todas as que assistiam á ceri-monia ungiam-lhe a espada e calçavam-lhe nos pés as esporas de ouro, e o neophyto, que durante todo este cerimonial se conservava de joelhos, jurava sobre os evangelhos cumprir com fé e lealdade nunca desmentidas os seus devêres de cavaleiro.

Eram assaz raros os escudeiros que aos vinte e um annos recebiam o grau de cavalleiro; semelhante honra cabia apenas áquelle que se extremava dos da sua classe mediante qualquer acto de valôr deveras extraordinario.

Nos ultimos tempos, comtudo, já decadente a nobre instituição, o grau de cavaleiro, quando não constituia privilegio ao elevado nascimento, conquistava-se mediante o valimento do soberano ou do principe, e por ultimo, os principes herdeiros e os infantes eram armados cavaleiros, ainda no berço. Chegadas as coisas a tal ponto, escusado será accrescentar que o grau de cavaleiro passou a ser honraria de méra convenção.

Que o ensino ministrado por tão encantadoras mestras, ainda apesar de toda a tyrannia das mesmas, teria sem duvida para os juvenis discipulos muito maiores attractivos que as prelecções fatigantes e as sevéras criticas de rabujentos professores, não ousamos pol-o em duvida, devemos porém concordar, que as fadigas, as arduas provações, os trabalhos e o risco de vida que eram impostos aos mancebos, desde o dia em que estes, admittidos como pagens de lança, começavam a habilitar-se para escudeiros, até que eram julgados dignos de ser envestidos no grau de cavaleiro, não deixariam de amedrontar o maior numero d'esses que hoje em dia lastimam tanto a sua sorte, allegando que os sobrecarregam de trabalho excessivo e muito superior ás suas forças.

Pin Sel.

O CENTENARIO D'ALMEIDA GARRETT

(Quando deve celebrar-se ?)

Estamos sendo invadidos por commemorações centeniaes. Ha os centenarios da nascença e da morte dos reputados grandes genios nas lettras, nas artes, nas sciencias, nas industrias, e na guerra. Tambem se celebram os centenarios das memoraveis batalhas, dos descobrimentos celebres, das grandes descobertas maritimas, os dos famosos inventos, os da instituição de casas de beneficencia... emfim de tudo e... *muchas cosas mas*, porque tudo serve de pretexto para festejos, não sendo esquecidos os cortejos civicos, as sessões solemnes, o foguetorio, os embandeiramentos e até os *licores e doces* dos arraiaes e *feiras francas*, como sendo a mola principal do gaudio do povo e a feição caracteristica das classes burguezas...

Entre assas apotheoses as que tem mais razão de ser, as que mais calam no espirito nacional, são sem duvida as tributadas aos grandes homens cujo nome se perpetua, passando como um rasto luminoso inextinguivel por sobre as successivas gerações e atravez dos seculos. A Inglaterra, a Italia, a França, e outras nações cultas, no aureo livro da sua historia gravado em caracteres tem indeleveis o nome dos seus heroes, dos seus grandes benemeritos a quem glorificam. O nosso pequeno paiz, mas maior do que muitos grandes nas grandes acções e no saber, tambem possue o seu Camões, um Alexandre Herculano, um Vasco da Gama, um Affonso d'Albuquerque, um Castilho, um Almeida Garrett e bastantes outros em quem poder não teve a morte. Faça-se-lhes pois a sua glorificação.

Devem porém servir de objectivo para as homenagens centeniaes prestadas pelos povos a esses grandes homens, o dia em que elles viéram ao mundo, ou aquelle em que elles, sahindo da vida terrestre passaram á *immortalidade*? Perguntamos: o centenario commemorativo deve ser o do seu *Nascimento* ou o da sua *Morte*? O argumento não é difficil de resolver e estudando bem o assumpto todos dirão que deve ser da morte como muito bem o enuncia o sensatissimo parecer da illustre direcção da Sociedade de Geographia.

O nascimento não dá a predestinação e nós declaramos francamente que n'esta doutrina não somos nem Thomistas nem Molinistas: somos simplesmente positivistas; seguimos as expendidas por Augusto Comte, uma das mais potentes frontes illuminadas pelo genio. Em regra não acreditamos na *predestinação*.

Predestinados póde admittir-se que fossem Christo, a Virgem Maria, S. João Baptista (não o confundir com Almeida Garrett) e ainda um ou outro *ente divinal*, d'aquelles que a nossa Egreja celebra solemnemente a natividade em canticos mysticos e hossanas.

Todo o homem nasce sem que a sociedade lhe possa marcar o seu destino — e desculpem-nos se de algum modo, reproduzimos aqui um artigo que em março de 1893 escrevemos no *Economista* na occasião em que pela primeira vez se aventou na imprensa a ideia da celebração do centenario do nascimento d'Almeida Garrett ideia — suppômos nós — que partiu do muito esclarecido escriptor e mimoso poeta sr. Joaquim de Araujo no seu livro ás creanças *Primeiras Leituras*, sendo para logo seguida e perfilhada pelo nosso bom amigo e collega sr. Alberto Bessa, quando na sua *Galeria Portugueza* deu o retrato do eminete homem de lettras, acompanhado d um d'aquelles brilhantes artigos que elle sabe escrever.

É pela boa ou má orientação moral e intellectual que se dá ás creanças, é pelos caminhos cheios d'espinhos ou alfombrados de flôres que ellas tem de percorrer, que se lhe vae formando a alma. E' no revoltear das paixões, e pelos caprichos da vida que se vão succedendo, que o homem chega ao *terminus* que lhe dá a gloria ou cobre para sempre de opprobrio o seu nome como Erestato, Cartucho, Troppman e outros.

Disse Voltaire:

Les mortels sont egaux, ce n'est point la naissance C'est la seule vertu que fait la difference.

Os grandes nomes não nascem feitos: fazem-se. *Nada ha de mais trabalhoso*, disse la Bruyère, *do que crear um grande nome: a vida extingue-se quando apenas se tem esboçado a obra.*

A verdadeira immortalidade não a concede a Historia aos *immortaes* que nós fabricâmos. O nome dos immortaes são os que presistem em ficar esculpidos em ondas de fulgurante luz atravez os seculos.

A Academia de França póde contar os seus *quarenta immortaes* porque muitos d'elles deixarão de o ser quando a sua memoria se extinguir. E, no entanto elles são immortaes, d'esses *immortaes* cujo rasto sobre a terra se esvae com o correr dos tempos.

N'estas cousas é sempre a posteridade quem dita a lei. A historia contemporanea forma o processo e a posteridade é o juiz, mas juiz que avalia do merito do processado muitas dezenas de annos depois da sua morte, isto é, precisamente no momento em que o gigante se possa fixar bem de longe.

Augusto Martin, o brilhante escriptor da França disse algures:

O homem, á sua nascença é nu, o que equivale a dizer que elle nada possue senão a si proprio.

E de certo. O Templo da Memoria nunca se abriu nem abrirá ao homem que nasce, mas sim ao que deixa este mundo para entrar na immortalidade.

Eis a razão porque discordamos da ideia de se celebrar o centenario de Garrett no anniversario do seu nascimento e se pertencessemos á Sociedade de Geographia com toda a certeza seriamos do numero d'aquelles que votáram a favor do parecer da illustre direcção d'aquella collectividade.

Somos realmente muito impressionistas e mui impacientes. Temos pressa em glorificar aquelle ou aquelles que o merecem e a quem a patria é agradecida.

Pois glorifiquemol-os, mas em principio, devemos admittir que os centenarios devem ser da *Morte* e não do *Nascimento* dos grandes homens. E' a justiça que a Historia das nações faz aquelles que em vida as glorificáram.

Silva Pereira.

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA ***

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

—

LIVRO I

VII

PASTORAL

Confesso que não percebia nem aquelle gondoleiro nem aquella rendeira, mas tão sómente que elle era bello e que ella teria uns dezoito ou vinte annos. Entre os dois, porém, existia um abismo!

Embora Antonio fosse alto e robusto, não tinha a altivez dos que mandam e parecia ter nascido para ser mandado; a rapariga, pelo contrario, tinha um tal ar de dominio, que logo dava nas vistas. Por isso elle se sujeitava como escravo. Mas seria possivel que ella o amasse? No amor descem os homens, elevam-se as mulheres. No cantinho dos labios da veneziana havia o que quer que fosse altivo, que punha o gondoleiro a distancia.

Em summa, o que assim os reunia meia hora cada noite seria no gondoleiro amor, mas na rendeira era apenas sympathia.

Embora nascidos ambos em Veneza, haviam passado a infancia no Monte Herma, ao pé de Padua Tinham brincado juntos, tinham casado como se casam as crianças, jurando, ante a Madone, que haviam de amar-se para a vida e para a morte.

Quando novamente se encontraram em Veneza, passados dez annos, reconheceram-se logo. Tal fôra o imperio da saudade, que cahiram nos braços um do outro e renovaram juramentos. Ella atirou-se ao amor, um pouco aventureiramente, com todo o enthusiasmo d'uma alminha presa até então pelos laços da familia, do dever, da religião. Violante por vezes cahia em si mesma, promettendo não mais tornar a ver Antonio Mas como resistir, mal descia a noite, ao prazer de correr por Veneza, em companhia d'um namorado todo a reluzir de alegria? Quando o proprio coração interrogava, bem via que Antonio tinha demais conservado o geito rustico, até no desembaraço com que governava a gondola. É que elle não tinha, como ella, sangue vermelho nas veias.

Ainda o não contei; Violante, em linha mais ou menos recta, descendia dos Foscari. Bem sabem que os ultimos nascidos d'essa familia deram-nos em espectaculo todas as decadencias. Ha meio seculo, quem visitava o palacio dos Foscari pasmava de ver quadros tão ricos em familia tão pobre; já os quadros estavam hypothecados aos judeus. Era uma coisa que doia, ver as duas velhinhas tão bem nascidas, deslisando como sombras pela galerias, vestidas com os antigos reposteiros, de pés descalços nas sandalias.

A mãe de Violante, sobrinha das velhas, fugira do palacio e refugiára-se no monte Herma, pequenina herança que escapára a tantas e tantas miserias.

E aqui teem como foi que Violante teve uma infancia rustica. Mas conservava toda a altivez e elegancia das patricias.

VIII

O PALACIO RIMINIO

No dia seguinte, pela manhã, fui-me ao palacio Riminio. Segundo o que dissera Antonio, esperava lá encontrar Violante, visto o tio d'ella ser guarda do palacio. Devia a galeria dos quadros servir-me de pretexto para entrar n'aquella antiga propriedade d'um infante hespanhol.

O palacio Riminio é um vasto edificio á beira do grande canal; nada tem de notavel n'aquella Veneza tão cheia de accumuladas maravilhas, senão o estar proximo de Academia das bellas-artes. Nada lhes direi da galeria; olhei, mas nada vi.

Emquanto a percorria, na companhia de Bernardo, o tal tio velho e avarento, de que Antonio falára, toda a minha attenção era para o velhote, typo completo do cicerone. Dei-lhe occasião, já não sei como, para me falar de coisas suas. D'um só jacto, tudo me contou: como de joalheiro deu em valido de Sua Alteza catholica; como seu irmão, pae de Violante, havia perdido, por occasião d'uma trovoada, n'um raio — sentido litteral da palavra — todos seus pequeninos bens agricolas; como, morto de desgosto, lhe deixou a filha então de quinze annos. Havia já tres annos

que a sobrinha estava a cargo d'elle, Bernardo.

— Antes deveria ter dito em seu proveito, pois elle proprio me confessou que era ella quem lhe ensinava os filhos, lhe escrevia os roes e a correspondencia com o mordomo de Sua Alteza, e mostrava aos estrangeiros a galeria.

— Tem desanove annos!

Era o que eu dizia comigo mesmo, emquanto muito alto admirava uns retratos, obra de pintores desconhecidos ou arruinadas telas do Paduano.

— E porque, não vejo por ahi a sua sobrinha? perguntei.

— Foi levar-me as pequenas a casa da minha irmã, na Giudecca, respondeu-me.

Andei uns minutos á roda d'um marmore velho, em que de modo algum se reconhecia uma obra grega, como dizia mestre Bernardo, e, de repente, fiz lhe a pergunta que me escaldava, desde que elle principiara a contar-me a historia da familia:

— E porque a não casa?

— Quem? A minha sobrinha? Não tenho bens de fortuna para dotal-a! E a pobre pequena, apesar do que póde ganhar a fazer renda, não junta dote tão cedo. Quando ella aqui chegou, mandei-a para Murano como aprendiza; mas bem póde trabalhar com dedos de fada, que tem muito que trabalhar. Um marido em Veneza sae muito caro!

— Mas se a sua sobrinha é bonita, póde, até sem dote, arranjar marido.

— Isso sim! — Mulher bonita mal se guarda, e peor em Veneza. E como para isso precisa swanzigers, são raros os que querem casar, por causa dos forasteiros, que teem dinheiro a rodo para comprar todas as mulheres boas.

— Mas ellas é que se não vendem aos estrangeiros, disse ao velhote.

— D'essas tambem as ha; mas, se o não fazem, podiam fazel-o, e tanto basta para arredar maridos.

— E os namorados?

— Os namorados! D'esses pouco se me dá. Nem para em tal pensar tem a sobrinha tempo.

— Será isso assim tão certo? perguntei a rir, embóra a vontade fosse pouca. E á tarde? A' noite? Não podem vir os namorados sem sua licença?

— A pequena é ajuizada, respondeu o velho Bernardo. Quando não trabalha nas rendas, vai de noite á bençam, a Sant'Angelo.

— Vamos, disse comigo, o judeu veneziano é tão cego como Bartholo.

Mal veio a noite, fui me para o meu posto no café Nuovo. Estava a um tempo triste, nervoso, melancolico e desesperado. Era claro que Violante amava Antonio, visto enganar o tio, e comigo dizia que melhor me fôra renunciar a toda a esperança de ser amado por essa loira apaixonada. Estava despeitado; francamente o confesso, no meu respeito mais havia de vaidade ferida que de combatido amor. Mas não farão doer os ferimentos de vaidade, mais ainda que os do coração?

— Pois quê, dizia, lisonjeando-me, como sempre faz quem fala comsigo, tão fortunoso fui com as mais bellas, mais idolatradas, mais pervertidas das orgulhosas parisienses, e haveria de resistir ao meu amor uma simples rendeira veneziana? — Sim, respondia uma voz em mim, porque a essa linda rapariga tinha de conquistar-lhe o coração; e ás outras bastava conquistar-lhes a vaidade ou dar-lhes dinheiro. O coração d'ella já lhe não pertence; por isso antes vás ter com qualquer duqueza italiana, a quem só falte um francez para a collecção.

IX

A SENHORA LUCREZIA

Juizo e vaidade assim questionavam, e eu já andava simplesmente fulo, por que a vaidade levava de vencida, como de justiça, a razão, quando chegou o diabo em meu auxilio.

— O diabo! Pois ha d'isso? perguntou Baccarat.

— Aos milhões, disse Steeple-Chase a rir. Deixe falar o Hauteroche; aquelle diabo d'elle deve ser uma mulher.

— Adivinhaste. Bem sabem que na Italia trabalha-se á luz do sol contra a virtude. Negocios de amor tratam-se ao meio-dia. Como assim hesitava entre a vontade de me atirar de novo á conquista de Violante e a quasi certeza de nada obter, uma florista, já madurota, chamada Lucrezia, quero crêr que por antithese, veio, como costumava, offerecer-me um ramo de violetas de Parma. N'esse momento, Violante appareceu na Praça de S. Marcos. Com um olhar mostrei-a á Lucrezia e perguntei-lhe se conhecia aquella rapariga, que via passar, sempre que me achava no Café Nuovo.

— E' a Violante, a sobrinha do velho Bernardo, guarda do palacio Riminio, respondeu-me a florista.

— Onde vai ella assim todas as noites?

Lucrezia pôz-se a sorrir.

— Pois uma rapariga linda como Violante não ha de ter seu namorado?

— Namorado... só? Mais nada?

— O sr. é curioso. Que lhe importa que a linda Violante tenha um amante ou simplesmente um namorado?

— Olha, disse eu á Lucrezia, dou-te vinte francos, se me disseres o que sabes, porque muito deves saber, me parece.

— Nada sei.

— Pois, se me disseres o que não sabes, dou-te quarenta francos.

E, para captivar a tagarelice da florista, contei-lhe por alto as minhas inuteis caminhadas e a conversação que ouvira entre Violante e Antonio. Nem sequer o meu desanimo lhe escondi.

Depois de me ter ouvido com attenção, disse-me Lucrezia:

— A Violante porta-se bem, isso juro-o eu, porque é orgulhosa como a filha d'um doge. Dizem até, e quero crêl-o, que, embora nascida no monte, tem sangue vermelho nas veias.

— Mas se ella gosta d'esse Antonio!... exclamei.

— Pois tão mal conhece o coração das mulheres! A primeira vez que teve um namorado, quem sabe lá de quem uma rapariga innocente gostou, se do homem, se do amor? Eu cá por mim, que sou mulher e deveria ser entendida, não sei o que deva pensar. Cuidei que adorava o meu primeiro amante e, por fim, vim a descobrir que de todos aquelles a quem jurei fidelidade eterna, foi o de quem menos gostei. Quer um bom conselho?

— Seja o preço qual fôr, peço-t'o.

— Pois então, continue, acredite. Diga-me: é rico?

— Não. Tenho um milhão, pouco mais ou menos. Chega?

— Tanta basta, disse a florista, rindo com o seu riso d'oiro, para tentar a virtude d'uma linda e pobre Veneziana, com todos os instinctos d'uma patricia. Fale com Violante, fale-lhe de Paris e de suas maravilhas; proponha-lhe leval-a comsigo e verá se ella essa noite ainda vai ter com Antonio.

— Duvido tanto d'esse meio!

— Negocio de tempo e dnheiro, replicou a Lucrezia. E, se quizer, para lhe poupar o precioso tempo, poderei, como quem não quer, dar alguns bons conselhos á rapariga.

— Isso é que é falar limpidamente, disse eu, dando á florista um napoleão. Raciocinas como Minerva em dias felizes; mas não vás espantar-me a pomba por lhe falares demais no milhafre.

— Se assim fôr, disse-me Lucrezia, baixando a voz, se esta pombinha lhe escapar, sei d'outra, egualmente bonita e mais nova, que não se fará tão tola.

— Ou comsigo ou vou-me embora, disse eu, repellindo a florista com dignidade.

— Negocio de tempo e dinheiro, repetiu ella afastando-se.

Aquella infernal Lucrezia acordou em mim toda a cubiça do Parisiense caçador de mulheres. Desbaratára-me escrupulos e razões. Verdade seja, que lhe não fôra difficil operar o movimento; era preso meu coração, offendida minha vaidade.

— Seja! pensei. Guerra sem treguas á virtude de Violante! Se a formosa loira me vencer, prometto erguer um altar á Constancia e sacrificar-lhe cada manhã um exemplar do *D. João* e outro da *Manon Lescaut*, que accenderei com uma das cartas das minhas passadas amantes.

Passei toda a noite a scismar no que diria no dia seguinte a Violante. Discorria longamente e fiz promessas extravagantes, dirigindo-me a uma Joanna d'Arc de zinco, que adornava a pendula do meu quarto de hotel. Nascia o sol quando adormeci.

Felizmente eu era desconhecido para aquella rapariga cheia de curiosidade. O Antonio era um bello e valente rapaz, que qualquer mulher menos innocente me havia de preferir decerto; mas Violante bem sabia que qualidade de ventura a esperava no monte Herma — uma vida de montanhezes, laboriosa e pobre; o amor d'um marido, as caricias dos pequenos, mais nada. — Tudo isso fôra até então o impossivel para ella, e por isso despendêra para conseguil-o, tanta força de vontade, tanta intelligencia, tanto juizo. Mas, quando entreviu outro genero de felicidade feita de festas continuas, voluptuosas adorações, imprevistos explendores, uma ventura em que tudo cantava e tudo ria, em que havia oiro, rendas, sedas, diamantes, como na ventura d'uma rainha, então Violante sentiu a vertigem do desconhecido e eu triumphei.

Mas, para lá chegar, precisei de muita diplomacia, muita paciencia. Durante muitas noites falharam as minhas instancias. Mal trocavamos duas palavras, pedia-me que a deixasse, toda tremula ao pensar que Antonio podia surprehender-nos.

Não desesperei. Fala-me sem zangar-se, dizia comigo, é porque me ouve com prazer. As amabilidades que lhe prodigo abrem-me o caminho de seu coração. Razão teve o philosopho antigo para dizer que a lisonja tanto perde as mulheres como os principes.

Emfim, que lhes direi mais? Uma noite obtive d'ella a promessa de que me daria a mim os minutos d'antes concedidos a Antonio; preveniria o gondoleiro de que o tio a não deixava sahir.

Um passo no amor é um passo dos deuses do Olympo. Partiu se, chegou-se.

(*Continua*)

Recebemos e agradecemos:

Ardentias, *Raposo de Oliveira — Ponta Delgada — 1898.*

E' um elegante volume de 110 paginas, nitidamente impresso, em Ponta Delgada, estreia, crêmos nós, d'um moço poeta cujo retrato acompanha o livro.

Raposo d'Oliveira, que assim se chama o poeta, é açoriano, e quem diz açoriano diz sonhador, pois que o clima da sua terra, tépido e perfumado, envolve a alma na mansão da poesia. Ali é-se poeta sem querer; basta saber observar e cantar a Natureza.

Nos versos de Raposo de Oliveira ha uns que logo agradam devéras e ha outros que não podemos applaudir. Sabemos que a poesia é difficil de cultivar, mas já que o poeta nos mostra inspiração e cuida com amor da rima, bom seria que não collecionasse no seu livro composições de menor quilate; porque isso lhe grangearia o titulo de um opulento escrinio poetico para o seu livrinho.

D'essas composições eis uma, senão escolhida ao acaso, pelo menos, n'uma rapida impressão.

DEVANEIO

Eu quero morrer queimado
Nas chammas do teu olhar...
Será bella a minha morte!
Não temas! vem-me matar!

Ou então... dá-me o veneno
Que teus labios devem ter!
Se com teus beijos dás mortes
Beija-me... eu quero morrer!

E, quando por mim rezares
A derradeira oração,
Oh! virgem! abre-me a campa,
Dentro do teu coração!

O Ensino, *por Bernardino Machado — Typographia França Amado, Coimbra, 1898.*

Se o assumpto do livro a que nos referimos não fosse de capital importancia para uma nação que, como a nossa, tem elevado numero de analphabetos, revelando-se á simples vista o estado de atrazo intellectual em que a maioria da população se encontra, seria bastante o nome do seu laureado auctor, o sr. conselheiro Bernardino Machado, para que d'um folego se lêsse esta obra.

Publicista distincto, professor entre os professores, parlamentar eximio, o sr. conselheiro Bernardino Machado é um apostolo dedicado da causa do ensino e sempre em toda a parte tem pugnado pelo derramamento da instrucção. Bem podiam todos os que teem por seu dever assim proceder, seguirem tão salutar exemplo!... Reuniu s. ex.ª n'este volume alguns dos seus discursos proferidos em diversas associações e no parlamento, e em todos elles sempre se revela o muito amôr que professa á causa do ensino, a qual advoga com vivo calôr, com verdadeiro enthusiasmo, e convicção profunda.

E' um feixe de flôres a engalanarem o assum-

pto que de si, para os espiritos menos profundos, é arido, e n'esse feixe não se sabe qual extremar.

O volume é seguido d'uma resenha do que se passou no Congresso pedagogico hispano-portuguez-americano, e ahi mesmo nos discursos por s. ex.ª proferidos se confirma o que acima dizemos.

A dedicatoria com que s. ex.ª se dignou honrar-nos, é immerecida e só á muita sua amabilidade a devemos. Agradecemol-a reconhecidos e só fazemos sinceros votos para que s. ex.ª não affrouxe na sua santa cruzada.

O Ensino é pois um livro que devia ser lido por todos os que sabem lêr e comprehender: mórmente no momento historico que atravessamos e em que tanto se falla de ensino, sem se querer profundar os vicios e os defeitos de que elle enferma.

Notas Historico-Militares *da «Guerra Velha» até á «Invasão Franceza» — Elvas. — Typographia Progresso. — 1898.*

E' este o XII voluminho da interessante collecção do *«Correio Elvense»* e contem sob o titulo acima curiosos excerptos de varias cartas de 1762 a 1811, colligidos pelo sr. Thomaz Pires, investigador bem considerado, e cujos trabalhos merecem sempre um lisongeiro apreço.

Diversas revistas.

Não se imagina o elevado numero de publicações periodicas, no genero de *revista*, que temos presente, graças á amabilidade das respectivas redacções. Não podendo individualisal-as, como era nosso desejo, correspondendo ao favor da offerta que tanto nos penhora e distingue, faremos apenas aqui uma rapidissima enumeração dos seus titulos, não querendo passar ao novo anno bibliographico sem termos cumprido este dever de cortezia e agradecimento.

De Lisboa: *Palcos e Lettras*, quinzenario de critica theatral e litterario, redigido pelos srs. Oscar de Pratt e Arthur Pinheiro de Mello; *A Saude*, revista mensal, sobre tratamentos naturaes, isto é, o emprego do ar, da agua, alimentos, luz, exercicio, calor, como meios therapeuticos, dirigida pelo sr. dr. João Bentes Castel Branco; *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, que acaba de distribuir o indice da sua terceira serie; o *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, cujo ultimo numero publica varias memorias anonymas, mas em extremo interessantes; *O Jornal dos Cegos*, de que é redactor o nosso amigo sr. Branco Rodrigues; o gracioso *Supplemento do Seculo*; *La Revue Illustrée du Portugal*, dirigida por Carlos Lisboa, etc. etc.

Do Porto, *Educação Nacional*, publicação dirigida pelo sr. Antonio Figueirinhas; *Jornal dos Romances*, gerido pelo sr. Alvarim Pimenta, etc. etc.

De Coimbra: *O Instituto*, revista scientifica e litteraria bem conhecida, e cujo ultimo numero insere um bello artigo ácerca de Martins de Carvalho.

Do extrangeiro: a graciosa publicação a que tantas vezes nos temos referido e que sempre recebemos com uma regularidade mathematica *Le Monde Moderne*; a *Revista de la Union Ibero-Americana* — que já alcança o seu numero 155; *A Revista do Brazil*, de que são director e editor os srs. Cunha Mendes e Carlos Gerke & C.ª e que vê a luz em S. Paulo, etc. etc.

Guia pratico *para o emprego dos adubos em Portugal — por João da Motta Prego — 2.ª edição — Lisboa — Typ. Universal — 1899.*

A fertilisação da terra é o problema primordial da agricultura. Sem um guia, porém, que encaminhe o lavrador na preparação ou escolha, compra e distribuição dos adubos, os insuccessos não tardam, prejudicando o progresso da agricultura do paiz, que na adubação racional da terra terá o seu principal propulsor. Despreoccupada de intuitos mercantis, sem preferencia de adubos nem de vendedores, zelosa sempre pelo interesse do agricultor, abriu a Real Associação Central da Agricultura Portugueza um concurso para a elaboração de um manual *essencialmente* prático, que ensinasse ao lavrador tudo quanro elle carece saber para alcançar o maximo proveito cultural e economico com a applicação do adubo ás terras.

Escolhido, premiado um dos quatro originaes apresentados, e immediatamente editado, acaba a Real Associação de publicar a segunda edição do utilissimo *Guia prático*, livro extremamente necessario ao agricultor e ao progresso agricola do paiz.

Victima da fraude ou das habilidades do commerciante de adubos, desconhecendo a necessidade das terras, a composição dos fertilisantes propostos, a maneira e occasião de applical-os, o agricultor muita vez é prejudicado quando sempre deveria lucrar se soubesse conduzir-se na sua escolha.

Prestou, pois, a Real Associação um relevantissimo serviço aos agricultores com o concurso aberto e com a publicação feita do excellente guia do sr. Motta Prego, ao qual o publico tem correspondido com uma decidida e lisongeira acceitação.

O BOSPHORO